



**ENTRE LAZER, ANTIRRACISMO E POLÍTICA: OS
BAILES BLACK E A DITADURA MILITAR NA CIDADE DE SÃO
PAULO (1958-1980)**

Entre el ocio, el antirracismo y la política: Las danzas negras y la
dictadura militar en la ciudad de São Paulo (1958-1980)

Simpósio E4_05 - A

**EPISTEMOLOGIA DO ESPAÇO HABITADO E O PROCESSO DE URBANIZAÇÃO
NAS COMUNIDADES ANCESTRAIS**

AFRICANAS E NEGRAS AFRO-BRASILEIRAS

Clovis Nascimento Junior

IPPUR - Instituto de Planejamento Urbano e Regional, Brasil
cloveranjunior@gmail.com

Resumo: A presente pesquisa tem como objetivo o significado dos bailes negros para a cidade de São Paulo e para a problemática urbana, a partir do mapeamento dos espaços de bailes frequentados em sua maioria por uma população negra e trabalhadora, levando-se em conta suas experiências de produção de sentido. A discussão tem início no ano de 1958, - este ano é reconhecida pelos nativos do referido contexto festivo como referência, pois remete ao momento específico em que passaram a ser oferecidos ao público afro descendente atravessando as décadas de 1960 e 1970 chegando até meados dos anos 1980. Utilizando-se de pesquisa bibliográfica, entrevistas, observações de campo e coleta de materiais a discussão tem como cenário os eventos realizados pela equipe Chic Show como local uma manifestação cultural contemporânea dos bailes negros. Os bailes blacks foram compreendidos como um tipo de encontro com conteúdos ligados às lutas, às resistências e ao vivido da população negra e particularmente no período da Ditadura Militar em São Paulo. Articulam-se com processo de produção do espaço urbano, possíveis formas desiguais socialmente e racializadas, entre estes conteúdos estariam a produção de uma vida pública na cidade, e

também uma mobilização em torno dos movimentos sociais que se configuram no meio do século XX.

Palavras-chave: Bailes Black, Ditadura Militar, Produção do Espaço, Resistência Negra, São Paulo (SP)

Resumen: Esta investigación busca comprender la importancia de las danzas negras para la ciudad de São Paulo y sus problemáticas urbanas, a través del mapeo de espacios de danza frecuentados mayoritariamente por población negra y de clase trabajadora, considerando sus experiencias en la producción de significado. La discusión comienza en 1958, año reconocido por los nativos de este contexto festivo como un punto de referencia, ya que marca el momento específico en que estos eventos comenzaron a ofrecerse al público afrodescendiente, abarcando las décadas de 1960 y 1970 y continuando hasta mediados de la década de 1980. Mediante investigación bibliográfica, entrevistas, observaciones de campo y recopilación de material, la discusión se centra en los eventos organizados por el equipo Chic Show como una manifestación cultural contemporánea de las danzas negras. Las danzas negras fueron entendidas como un tipo de encuentro con contenido vinculado a las luchas, resistencias y experiencias vividas de la población negra, particularmente durante el período de la Dictadura Militar en São Paulo. Se vinculan con el proceso de producción del espacio urbano, posibles formas socialmente desiguales y racializadas. Entre estos contenidos se encuentra la producción de una vida pública en la ciudad, así como la movilización en torno a los movimientos sociales que se gestaron a mediados del siglo XX.

Palabras clave: Danzas Negras, Dictadura Militar, Producción Espacial, Resistencia Negra, São Paulo (SP)

Introdução

Ao longo da segunda metade do século XX, a cidade de São Paulo passou por intensas transformações em sua estrutura urbana, econômica e social, associadas à industrialização acelerada, à posterior crise do modelo desenvolvimentista e à instauração da Ditadura Militar (1964–1985). Esses processos produziram um espaço urbano profundamente desigual, no qual hierarquias de classe e raça se materializam no território, no acesso à cidade e nas possibilidades de sociabilidade. Conforme argumenta Lefebvre (2001), o espaço urbano não é neutro, mas socialmente produzido a partir de relações de poder, conflitos e disputas simbólicas, o que torna fundamental analisar as práticas espaciais dos grupos historicamente subalternizados.

Nesse cenário, a população negra e trabalhadora vivenciou de maneira particularmente intensa os efeitos da segregação socioespacial, do racismo estrutural e da precarização das condições de vida urbana. Como aponta Moura (1988; 1994), o processo de integração da população negra no pós-abolição ocorreu de forma subordinada, marcada pela exclusão dos direitos plenos de cidadania e pela marginalização no mercado de trabalho. Ainda assim, essa população construiu estratégias próprias de resistência, sobrevivência e produção cultural, expressas em associações, clubes negros, festas e outras formas de organização coletiva.

É nesse contexto que emergem os bailes negros ou bailes black como espaços de sociabilidade, lazer e afirmação identitária frequentados majoritariamente por uma população negra e trabalhadora. Desde o final da década de 1950 na cidade de São Paulo, especialmente a partir de 1958, esses eventos passaram a ocupar salões, clubes e associações em diferentes regiões da capital paulista, atravessando as décadas de 1960 e 1970 e alcançando os primeiros anos da década de 1980. Mais do que simples eventos festivos, os bailes configuraram-se como práticas espaciais que produziram uma vida pública negra na cidade, tensionando os usos hegemônicos do espaço urbano.

A partir da perspectiva de Santos (2008), é possível compreender os bailes negros como formas específicas de uso do território, produzidas por sujeitos subalternizados que ressignificam lugares a partir de suas necessidades, afetos e projetos coletivos. Esses eventos ativaram circuitos urbanos próprios, conectando bairros periféricos, regiões centrais e diferentes zonas da cidade, constituindo uma cartografia negra paulistana que escapava às lógicas dominantes de planejamento e controle do espaço. Assim, os bailes não apenas ocupavam a cidade, mas participavam ativamente de sua produção simbólica.

Durante o período da Ditadura Militar, esses espaços assumiram ainda maior relevância política. A repressão estatal, o controle das aglomerações e a criminalização das sociabilidades negras fizeram com que os bailes se tornassem locais de resistência cotidiana, nos quais circulavam informações, estilos e discursos que confrontavam a ordem racial vigente. Nesse sentido, como analisa Gonzalez (1988), o racismo no Brasil opera de forma dissimulada por meio do mito da democracia racial, ao mesmo tempo em que regula os corpos negros e limita suas formas de expressão. Os bailes blacks, ao afirmarem estéticas negras e referências da diáspora africana, constituíram-se como espaços de enfrentamento simbólico a essa lógica.

A dimensão cultural desses eventos também pode ser analisada à luz das reflexões de Hall (2003; 2011) sobre identidade cultural e diáspora. Para o autor, as identidades não são fixas, mas construídas historicamente, a partir de experiências compartilhadas, deslocamentos e processos de resistência. Os bailes black, ao incorporarem referências da música negra internacional, do soul, do funk e de outras expressões da diáspora africana, funcionaram como espaços de

tradução cultural, nos quais a juventude negra paulistana reelaborou sentidos de pertencimento racial, classe e modernidade.

Entre as diversas iniciativas que materializaram esse circuito festivo, destaca-se a equipe Chic Show, uma das experiências mais expressivas dos bailes negros em São Paulo. Sua trajetória revela a capacidade organizativa, econômica e simbólica de sujeitos negros que, mesmo diante das restrições impostas pelo racismo estrutural e pelo autoritarismo político, criaram um circuito de grandes eventos, mobilizando milhares de pessoas e diferentes regiões da cidade. A Chic Show pode ser compreendida, portanto, como um agente produtor do espaço urbano (LEFEBVRE, 2001), ao articular práticas sociais, representações e vivências que redefiniram temporariamente os usos da cidade.

Diante disso, este artigo tem como objetivo analisar o significado dos bailes negros para a cidade de São Paulo e para a problemática urbana, a partir do mapeamento dos espaços frequentados pelo público negro e trabalhador e da compreensão de suas experiências de produção de sentido. A pesquisa fundamenta-se em levantamento bibliográfico, entrevistas, observações de campo e análise de materiais diversos, tomando os eventos promovidos pela equipe Chic Show como recorte empírico privilegiado. Ao dialogar com o Planejamento Urbano, a História Social, a Geografia, a Sociologia e a Antropologia, o estudo busca compreender como esses bailes constituíram estratégias de resistência, sociabilidade e afirmação identitária, tensionando as formas social e racialmente desiguais de produção do espaço urbano em um Brasil marcado pela ideologia da democracia racial e pela persistência do racismo estrutural.

Fundamentação Teórica

A análise dos bailes negros enquanto espaços de mobilização, resistência e inclusão urbana da população negra trabalhadora em São Paulo requer um referencial teórico capaz de articular cidade, raça, cultura e poder. Trata-se de compreender tais eventos não apenas como manifestações culturais, mas como práticas espaciais dotadas de densidade política, simbólica e histórica. Para tanto, este estudo mobiliza aportes do Urbanismo, da Geografia Crítica, do Planejamento Urbano, da Sociologia Urbana, da História Social e dos Estudos Raciais, partindo do pressuposto de que a produção do espaço urbano brasileiro é atravessada por desigualdades raciais estruturais.

Produção social do espaço e práticas espaciais subalternizadas

A noção de produção social do espaço, formulada por Henri Lefebvre (2001), constitui um eixo central desta fundamentação. Para o autor, o espaço não é um simples reflexo das relações sociais, mas uma instância ativa de sua produção, reprodução e contestação. O espaço urbano é produzido a partir da interação entre práticas espaciais, representações do espaço e espaços de representação, o que implica reconhecer que diferentes grupos sociais produzem e experienciam a cidade de maneiras desiguais.

Aplicada ao contexto urbano paulistano, essa abordagem permite compreender como a população negra, historicamente excluída dos projetos hegemônicos de modernização e planejamento urbano, produziu usos alternativos da cidade. Os bailes negros configuram-se como práticas espaciais que tensionam a ordem urbana dominante, apropriando-se temporariamente de clubes, salões e associações para produzir sociabilidade, pertencimento e visibilidade negra. Trata-se de espaços vividos que escapam à lógica funcionalista do planejamento urbano tradicional, revelando fissuras na racionalidade hegemônica da cidade capitalista.

Território, uso do espaço e desigualdades racializadas

O diálogo com Milton Santos (2008) aprofunda essa análise ao enfatizar o território como instância central da vida social. Para o autor, o território é usado de maneira desigual, conforme as posições ocupadas pelos sujeitos na estrutura social. O “uso do território” revela tanto as imposições do sistema técnico-econômico quanto as possibilidades de ação dos grupos

subalternizados. Nesse sentido, a população negra trabalhadora, ainda que submetida a condições adversas, construiu circuitos próprios de circulação, encontro e lazer.

Os bailes black podem ser compreendidos como parte desses circuitos alternativos, que conectavam diferentes regiões da cidade e produziam uma cartografia negra paulistana. Esses eventos reconfiguravam o significado de determinados espaços urbanos, atribuindo-lhes novos sentidos e usos, ainda que de forma efêmera. Assim, o território não aparece apenas como palco das desigualdades, mas como campo de disputa simbólica e material.

Pós-abolição, urbanização e racismo estrutural

A compreensão dessas práticas espaciais exige o enfrentamento das heranças do pós-abolição. Clóvis Moura (1988; 1994) demonstra que a abolição da escravidão não significou a incorporação plena da população negra à sociedade de classes, mas a sua inserção subordinada em um mercado de trabalho excludente e racializado. Esse processo teve impactos diretos na conformação das cidades brasileiras, produzindo uma urbanização marcada pela marginalização da população negra nos espaços periféricos e nos setores mais precarizados da economia urbana.

No contexto da Ditadura Militar, tais desigualdades foram aprofundadas. Lélia Gonzalez (1988) evidencia que o crescimento econômico dos anos 1960 e 1970 não se traduziu em melhoria das condições de vida da população negra, que permaneceu concentrada em setores de baixa remuneração e alta exploração. A repressão política e o controle das aglomerações impactaram diretamente as formas de organização e sociabilidade negra, conferindo aos bailes e clubes um papel estratégico enquanto espaços de acolhimento, resistência e articulação política.

Cultura negra como forma de resistência

A cultura ocupa lugar central nessa análise, não como elemento secundário, mas como dimensão constitutiva da resistência negra. Para González (1988), a cultura negra sempre foi um dos principais instrumentos de sobrevivência simbólica da população afrodescendente, funcionando como espaço de elaboração de identidades, memórias e práticas políticas. Os bailes black, nesse sentido, constituíram-se como espaços nos quais a música, a dança, a estética e o corpo operavam como linguagens políticas, desafiando as normas raciais implícitas na sociedade brasileira.

Essa dimensão cultural adquire ainda maior relevância quando articulada às reflexões de Stuart Hall (2003; 2011) sobre identidade e diáspora. Para o autor, as identidades culturais são construídas historicamente, a partir de processos de deslocamento, tradução e resistência. Os bailes black, ao incorporarem referências da música negra internacional, possibilitaram a construção de uma identidade afro-diaspórica que conectava a juventude negra paulistana a outras experiências da diáspora africana, ao mesmo tempo em que dialogava com a realidade local.

Territórios negros, terreiros e reterritorialização simbólica

As reflexões de Muniz Sodré (1988) oferecem importantes subsídios para compreender os bailes negros enquanto territórios simbólicos. Ao conceituar o “terreiro” como forma social negro-brasileira, o autor destaca sua capacidade de condensar dimensões religiosas, culturais, políticas e comunitárias em um mesmo espaço. O terreiro representa um processo de reterritorialização da África no Brasil, inscrito nos corpos, nas práticas culturais e na vida cotidiana.

Inspirada por essa abordagem, Raquel Rolnik (1989) propõe o conceito de “territórios negros” para analisar as continuidades entre os espaços da escravidão e aqueles produzidos no pós-abolição nas cidades brasileiras. Para a autora, clubes, bailes e associações negras constituem espaços de resistência que confrontam a ordem urbana excludente e permitem a reconstrução de vínculos comunitários e ancestrais. Os bailes promovidos pela equipe Chic Show podem ser compreendidos como tais territórios negros, nos quais a África se faz presente de forma condensada e reterritorializada, independentemente da escala física do espaço ocupado.

Raça e cidade nos estudos urbanos brasileiros

Apesar da centralidade da questão racial na formação das cidades brasileiras, os estudos urbanos historicamente negligenciaram a raça como categoria analítica. Conforme aponta Telles (2003), as análises privilegiaram explicações baseadas exclusivamente na segregação socioeconômica, invisibilizando os mecanismos específicos de discriminação racial. Apenas a partir do final do século XX e início do século XXI esse cenário começou a se alterar, com contribuições que passaram a integrar raça, espaço e urbanização.

Nesse contexto, a obra *Negros nas cidades brasileiras (1890–1950)*, organizada por Barone e Rios (2018), representa um marco importante ao evidenciar como os processos de modernização urbana foram racialmente excludentes. O livro dialoga com clássicos como *A integração do negro na sociedade de classes* (FERNANDES, 2008), reafirmando a centralidade da problemática racial para a compreensão dos dilemas urbanos contemporâneos.

Ativismos cartográficos e produção contra-hegemônica do conhecimento

Por fim, esta pesquisa se ancora nas contribuições de Renato Emerson dos Santos (2014; 2017) acerca dos Ativismos Cartográficos. Para o autor, tais práticas constituem um alargamento conceitual e político da cartografia, ao questionarem os processos, os objetos e os usos tradicionais da representação espacial. A cartografia deixa de ser apenas uma ferramenta técnica e passa a ser compreendida como instrumento de luta, mobilização social e produção de conhecimento a partir das experiências dos sujeitos subalternizados.

O mapeamento dos bailes negros e das trajetórias da equipe Chic Show insere-se nessa perspectiva, ao buscar evidenciar práticas espaciais invisibilizadas pelo planejamento urbano hegemônico. Dialogando com as experiências do NEGRAM (Núcleo de Estudos e Pesquisas em Geografia, Relações Raciais e Movimentos Sociais) esta pesquisa propõe uma leitura do espaço urbano que reconhece a centralidade da população negra na produção da cidade, contribuindo para o fortalecimento de uma geografia crítica comprometida com a justiça social e racial.

Metodologia

Esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de caráter interdisciplinar, articulando contribuições da Geografia, do Planejamento Urbano, da História Social, da Sociologia e dos Estudos Raciais, com o objetivo de compreender os significados dos bailes negros para a população negra e trabalhadora na cidade de São Paulo entre 1958 e 1980. Parte-se do entendimento de que o espaço urbano é socialmente produzido e racialmente estruturado, o que exige metodologias capazes de apreender tanto as dimensões materiais quanto simbólicas da vida urbana.

Do ponto de vista epistemológico, o trabalho se insere em uma perspectiva crítica, comprometida com a recomposição da memória urbana negra e com a problematização das ausências e silenciamentos históricos produzidos pelo racismo estrutural e pelo autoritarismo do período da Ditadura Militar. Assim, a metodologia busca não apenas descrever os bailes black, mas analisá-los como práticas espaciais de resistência, sociabilidade e produção de uma cartografia negra da cidade.

Pesquisa bibliográfica e documental

Inicialmente, será realizada uma pesquisa bibliográfica abrangente, contemplando produções clássicas e contemporâneas sobre racismo, urbanização, cultura negra, movimento negro, ditadura militar e produção do espaço urbano. Essa etapa visa fundamentar teoricamente a análise e situar a pesquisa no debate acadêmico, especialmente diante das lacunas identificadas quanto à incorporação da categoria raça nos estudos de planejamento urbano.

Paralelamente, será desenvolvida uma pesquisa documental, com especial atenção aos jornais da grande imprensa paulista e da imprensa alternativa disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Ainda que se reconheça o caráter não neutro desses veículos, sua análise é fundamental para compreender como os bailes negros e as organizações associativas negras foram representados, vigiados e, muitas vezes, criminalizados no discurso midiático. Essa etapa permitirá identificar narrativas racializadas, formas de enquadramento simbólico e disputas de sentido em torno dessas práticas culturais.

História Oral e entrevistas

A História Oral constitui um eixo metodológico central da pesquisa, entendida não apenas como técnica de coleta de dados, mas como um processo de produção de conhecimento. Serão realizadas entrevistas semiestruturadas com organizadores, integrantes e frequentadores dos bailes promovidos pela equipe Chic Show, buscando compreender suas trajetórias, experiências, estratégias organizativas e percepções sobre os significados políticos, culturais e urbanos desses eventos.

As fontes orais permitem acessar dimensões da experiência negra urbana que permanecem ausentes ou marginalizadas nos registros oficiais, possibilitando a reconstrução de memórias, afetos e práticas de resistência cotidiana. As entrevistas serão analisadas de forma temática, em diálogo com o referencial teórico, respeitando os princípios éticos da pesquisa com seres humanos.

Análise histórico-geográfica e cartografia temática

Com o objetivo de compreender a distribuição espacial dos bailes negros na cidade de São Paulo, será realizada uma análise histórico-geográfica baseada no cruzamento de fontes diversas, como documentos históricos, fotografias, materiais de divulgação, narrativas orais e registros jornalísticos. A partir dessas informações, serão elaborados mapas temáticos utilizando o software livre QGIS.

O georreferenciamento dos locais onde ocorreram os bailes permitirá identificar padrões espaciais, relações com a estrutura urbana, deslocamentos do público e possíveis correlações com dados socioeconômicos e raciais. Essa etapa dialoga diretamente com os objetivos específicos da pesquisa, ao articular dimensões quantitativas e qualitativas da experiência dos bailes black.

A cartografia é compreendida, neste trabalho, não apenas como técnica de representação, mas como instrumento analítico e político, alinhado à perspectiva dos Ativismos Cartográficos. Ao tornar visíveis territórios historicamente invisibilizados, os mapas contribuem para a recomposição da memória urbana negra e para a crítica às representações hegemônicas da cidade. **Análise de fontes audiovisuais**

A pesquisa incorpora a análise de fontes audiovisuais, incluindo documentários, filmes e materiais de acervos digitais, como o Cultne.TV, que abordam os bailes black, o associativismo negro e a cultura afro-brasileira na segunda metade do século XX. Essas fontes permitem acessar representações visuais, sonoras e narrativas que ampliam a compreensão das dimensões culturais e políticas dos bailes.

Os documentários selecionados serão analisados considerando seus contextos de produção, discursos, enquadramentos estéticos e políticos, bem como suas contribuições para a construção da memória sobre os bailes e o movimento negro. Essa análise será articulada às entrevistas e às fontes documentais, permitindo um olhar comparativo e relacional.

Arquivos policiais e repressão política

Outra etapa fundamental da metodologia consiste na consulta aos arquivos das polícias políticas do Estado de São Paulo, disponíveis no Arquivo Público do Estado de São Paulo (APESP).

Esses documentos possibilitam investigar as estratégias de vigilância, repressão e criminalização direcionadas às organizações negras, aos bailes e aos espaços de lazer durante a Ditadura Militar.

A partir do cruzamento entre os nomes coletados nas entrevistas, nos materiais audiovisuais e nos documentos históricos, será possível identificar registros de perseguição, monitoramento e repressão, contribuindo para a compreensão dos impactos do regime autoritário sobre as sociabilidades negras urbanas.

Análise de dados censitários

Por fim, a pesquisa recorre aos dados censitários do Brasil e da cidade de São Paulo, com especial atenção ao Censo de 1980, que retoma a categoria cor/raça. Esses dados permitirão contextualizar quantitativamente a população negra no período analisado, bem como compreender transformações econômicas, demográficas e urbanas que incidiram sobre a experiência dos bailes black.

A análise dos dados censitários será articulada às demais fontes, não como explicação isolada, mas como elemento contextual que contribui para a compreensão das condições estruturais nas quais os bailes negros se desenvolveram.

Síntese metodológica

Em síntese, a metodologia adotada combina pesquisa bibliográfica, documental, História Oral, análise audiovisual, cartografia temática, investigação em arquivos repressivos e análise de dados censitários. Essa articulação metodológica visa apreender a complexidade dos bailes negros enquanto fenômeno urbano, cultural e político, contribuindo para a construção de uma perspectiva racializada do planejamento urbano e para a recomposição da memória negra na cidade de São Paulo.

Conclusão

A partir do percurso teórico, metodológico e empírico apresentado, este artigo buscou evidenciar que os bailes negros constituíram-se como práticas urbanas centrais para a compreensão da produção do espaço e da vida pública negra na cidade de São Paulo na segunda metade do século XX. Longe de serem apenas eventos festivos, os bailes black — em especial aqueles organizados pela equipe Chic Show — revelam-se como espaços de sociabilidade, resistência cultural, afirmação identitária e elaboração política, profundamente imbricados nas dinâmicas de urbanização, nas desigualdades socioespaciais e no racismo estrutural que marcaram a cidade, sobretudo durante o período da Ditadura Militar.

Ao dialogar com aportes da Geografia Crítica, do Planejamento Urbano, da História Social e dos Estudos Raciais, a pesquisa reafirma a pertinência de compreender o urbano como um produto social e racializado, conforme indicam Lefebvre, Milton Santos, Gonzalez, Moura e Hall. Nesse sentido, os bailes negros aparecem como práticas espaciais subalternizadas que tensionam os usos hegemônicos da cidade, produzem territórios negros temporários e constroem circuitos urbanos próprios, frequentemente invisibilizados pelas narrativas oficiais do planejamento e da história urbana paulista.

A metodologia adotada — baseada na articulação entre pesquisa bibliográfica e documental, História Oral, análise de fontes audiovisuais, cartografia temática, consulta a arquivos repressivos e análise de dados censitários — mostrou-se adequada para apreender a complexidade do fenômeno estudado. Ao combinar diferentes escalas, fontes e linguagens, o estudo propõe uma leitura interdisciplinar capaz de evidenciar tanto as dimensões materiais quanto simbólicas dos bailes black, contribuindo para a recomposição da memória urbana negra e para a crítica às ausências raciais nos estudos urbanos brasileiros.

Importa ressaltar, contudo, que esta pesquisa encontra-se em andamento. As análises aqui apresentadas constituem resultados parciais de um processo investigativo mais amplo, que ainda

será aprofundado com a ampliação do número de entrevistas, o refinamento dos mapas temáticos, o cruzamento mais sistemático com os arquivos das polícias políticas e o aprofundamento da análise comparativa com experiências similares em outras cidades brasileiras. Desse modo, as conclusões aqui formuladas devem ser compreendidas como provisórias e abertas a revisões, à medida que novas evidências empíricas e analíticas forem incorporadas.

Ainda assim, os resultados preliminares já indicam a relevância dos bailes negros como chave interpretativa para compreender as relações entre raça, cultura e cidade no Brasil contemporâneo. Ao evidenciar a centralidade da população negra na produção do espaço urbano paulistano, esta pesquisa contribui para o fortalecimento de uma perspectiva racializada do planejamento urbano e para o compromisso ético-político de recompor a história, a geografia e a memória negra da cidade de São Paulo, enfrentando os processos históricos de apagamento e silenciamento que marcaram sua constituição.

Referências

- ALBERTI, Verena; PEREIRA, Amílcar Araujo. **História do movimento negro no Brasil: constituição de acervo de entrevistas de história oral**. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 2004.
- ALBERTO, Paulina. **Terms of inclusion: black intellectuals in twentieth-century Brazil**. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2011. DOI: 10.5149/9780807877715_alberto.
- AMARAL, Raul Joviano do. **Os pretos do Rosário de São Paulo: subsídios históricos**. 2. ed. São Paulo: João Scortecci Editora, 1991.
- ÂNGELO, Leonardo; CLÍMACO, Thompson. **Clube Palmares, Volta Redonda**. In: FONTES, Paulo (org.). Lugares de memória de trabalhadores. São Paulo: Alameda, 2023. p. 215–230.
- ASSEF, Cláudia. **Todo DJ já sambou: a história do disc-jóquei no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2008.
- BARONE, Ana Cláudia Castilho; RIOS, Flávia Mateus (org.). **Negros nas cidades brasileiras (1890–1950)**. São Paulo: Intermeios, 2018.
- BERNARDO, Teresinha. **Memória em branco e negro: olhares sobre São Paulo**. São Paulo: EDUC; Editora UNESP, 1998.
- CUNHA JÚNIOR, Henrique Antunes. **Movimento de consciência negra na década de 1970**. Fortaleza: UFC, 2003.
- D’ALLEVADO, Paulo Tadeu Ferreira. **1958, o ano que não terminou: memórias e performance na cena do baile black nostalgia paulistano**. 2017. 287 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.
- D’ALLEVADO, Paulo Tadeu Ferreira. **Bailes blacks: música e sociabilidade nas noites paulistanas**. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 29., 2014. Anais [...]. Natal: ABA, 2014.
- DOMINGUES, Petrônio. **Clubes negros no Brasil: puzzle de um campo emergente**. Mundos do Trabalho, v. 15, p. 1–22, 2023.
- DOMINGUES, Petrônio. **Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos**. Tempo, Niterói, v. 12, n. 23, p. 100–122, 2007. DOI: 10.1590/2237-101X006011007.
- DOMINGUES, Petrônio. **Os clubes e bailes blacks de São Paulo no pós-abolição: notas de pesquisa**. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 25., 2009. Anais [...]. Fortaleza: ANPUH, 2009.
- FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo: Contracorrente, 2021.



FÉLIX, João Batista de Jesus. **Chic Show e Zimbabwe e a construção da identidade nos bailes black paulistanos**. 2000. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

